

# Olha os hominídeos aí, gente!

**Franklin Rumjanek**

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro  
franklin@bioqmed.ufrj.br



Uma interessante controvérsia surgiu em janeiro no noticiário de carnaval. Uma escola de samba, a Beija-Flor, acusou outra, a Vila Isabel, de plagiar sua idéia de abordar a evolução humana usando símios para representar a origem do povo brasileiro. A Beija-Flor alegou ter usado a idéia em 1996 e reclamou que a concorrente não deveria repeti-lo em 2007, para – segundo os defensores da primeira – reiterar que os macacos seriam a origem da espécie humana. O foco da disputa é o plágio, mas deveria ser outro. Aparentemente, ambas as escolas estão convencidas de que os macacos foram de fato os precursores de nossa espécie. O Sambódromo, é claro, não se presta a preciosismos acadêmicos dessa ordem, mas, já que os carnavalescos se dispõem a popularizar um tema central da biologia, talvez deveriam se informar um pouco mais.

Os humanos não se originaram dos macacos. Na verdade, todos os primatas – ordem de mamíferos que abrange humanos, macacos grandes e pequenos, lêmures e outros – tiveram ancestrais comuns, começando com os catarrinos, que habitavam a África há cerca de 35 milhões de anos. Os catarrinos (literalmente ‘nariz estreito’) compõem uma infra-ordem dos primatas, reunindo os macacos, os monos e o homem. Mais tarde, a linhagem dos hominóides viria a se separar dos demais catarrinos. O ancestral comum mais recente de gorilas, chimpanzês e humanos viveu há cerca de 17 ou 18 milhões de anos. Essas linhagens poderiam ser chamadas de gorilídeos e panídeos. Por fim, há cerca de 5 milhões de anos, a linhagem dos hominídeos se separou da dos chimpanzês. Desse modo, o *Homo sapiens* surgiu a partir de um ancestral que deu início a toda a linhagem dos diferentes hominídeos reconhecidos nos registros fósseis. Os macacos permaneceram como macacos.

Há ainda outro aspecto a ser considerado e que diz respeito ao Brasil e ao carnaval propriamente ditos. Sabe-se que o ser humano moderno somente chegou à América do Sul entre 13 e 17 mil anos atrás. Portanto, não foi o resultado da evolução de uma população hominídea autóctone. Em outras palavras, as Américas só passaram a hospedar os humanos recentemente. Os humanos evoluíram na África e depois se irradiaram para o resto do mundo. Desse

modo, a versão da Beija-Flor, colocando os macacos na aurora do povo brasileiro, não está correta. Uma representação mais realista mostraria os protobrasileiros como silvícolas já prontos. Os macacos, se porventura vierem a fazer parte da alegoria, deveriam figurar apenas como simples animais domésticos.

A presente polêmica, porém, justifica-se plenamente. Esse equívoco evolutivo é bastante comum. Mesmo na época em que Charles Darwin (1809-1882) defendia seu livro *A origem das espécies*, no qual apresentava a teoria da evolução, a discussão entre evolucionistas e seus críticos invariavelmente envolvia a noção de que os

## A divulgação científica, qualquer que seja o fórum, deve ser levada a sério

macacos teriam sido nossos ancestrais. Além disso, existe um desenho muito difundido na mídia, e seguramente em alguns livros didáticos de menor qualidade, que sintetiza a evolução como uma seqüência de alterações, começando com um macaco e incluindo ‘etapas’ de hominídeos peludos e curvados que gradualmente passam a assumir a postura ereta, até a transformação em um ser humano moderno.

Voltando ao carnaval, cabe reconhecer que a adaptação fiel da evolução humana às restrições impostas pelo desfile das escolas de samba seria complexa. Expressões como ancestral comum mais recente, catarrinos, hominóides e hominídeos introduziriam uma métrica complicada que dificultaria a rima de um samba-enredo. E a sua aceitação pelos foliões. Por outro lado, a divulgação científica, qualquer que seja o fórum, deve ser levada a sério. Constatou-se que a apresentação de um carro alegórico representando o DNA, no carnaval de 2004, teve uma grande repercussão e mostrou que milhões de pessoas no mundo inteiro prestaram atenção àquela manifestação. Até a revista científica *Nature* publicou uma nota a respeito (‘Science to a samba beat’, v. 428-21, 2004). Assim, fica evidenciado que, mesmo em um cenário improvável, a ciência demonstra grande poder inspirador – e não atravessa o samba. Diante de tanta gente, vale a pena então estar certo. ■